



Copyright © 2011, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1.ª edição 2011

Tradução do grego

Iris Borges B. da Fonseca

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões gráficas

Sandra Garcia Cortes

Helena Guimarães Bittencourt

Edição de arte

Casa Rex

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Casa Rex

Capa

Casa Rex

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Plutarco

Como distinguir o amigo do bajulador / Plutarco ; foto Erica Suzuki ; tradução Ísis Borges B. da Fonseca. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2011. – (Coleção ideias vivas)

Título original: Bibliografia.

ISBN 978-85-7827-350-7

1. Plutarco – Crítica e interpretação 2. Plutarco – Ética I. Suzuki, Erica. II. Título. III. Série.

10-11768

CDD-171

Índices para catálogo sistemático:

1. Plutarco : Sistemas éticos : Filosofia moral 171

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Conselheiro Ramalho, 330 01325-000 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br http://www.wmfmartinsfontes.com.br

PLUTARCO Como distinguir o amigo do bajulador
fotos **Erica Suzuki**

tradução **Ísis Borges B. da Fonseca**





O elogio é tão
conveniente
para a amizade
quanto a censura
no momento
oportuno

**O amor-próprio é o começo da bajulação,
prática irreligiosa por excelência.**

- 1 Quando um homem dá sem cessar, em palavras, provas de amor-próprio, meu caro Antíoco Filopapo, Platão observa que todos o desculpam; entretanto esse sentimento, acrescenta ele, entre uma pletora de vícios muito diferentes, contém um muito importante que impede que ele tenha sobre si mesmo um julgamento íntegro e imparcial. “Com efeito, o amante é cego a respeito do que ele ama”, a menos que tenha aprendido, por um estudo especial, a habituar-se a apreciar e procurar o belo, de preferência ao inato e ao familiar. No seio da amizade, eis que se abre ao bajulador um vasto campo de ação: nosso amor-próprio é para ele um terreno de acesso inteiramente propício à investigação sobre nós; por causa desse sentimento, cada um de nós é o primeiro e o maior adulator de si próprio, não hesitando em confiar no bajulador estranho de quem espera ter a aprovação para confirmar suas crenças e desejos. Com efeito, aquele que é acusado de gostar da bajulação não passa de um homem perdidamente enamorado de si, que, pela paixão que a si mesmo dedica, deseja e crê possuir todas as qualidades; ora, se o desejo é natural, a crença é, entretanto, arriscada e reclama bastante circunspeção. Mas, supondo-se que a verdade seja divina e seja, segundo Platão, o princípio “de todos os bens para os deuses e de todos os bens para os homens”, o bajulador está muito arriscado a ser inimigo dos deuses e sobretudo do deus Pítico, pois não deixa de estar em contradição com o “conhece-te a ti mesmo”, iludindo cada um quanto à sua própria pessoa e tornando-o cego, no que diz respeito a si mesmo, e às virtudes e aos vícios que lhe concernem, pois torna as primeiras imperfeitas e inacabadas, os outros, totalmente incuráveis.

O bajulador, esse parasita das naturezas nobres, está atento aos reveses da sorte.

2 Se nessas condições o bajulador, como qualquer outra corja, atacasse ordinariamente ou essencialmente as naturezas vulgares e medíocres, seria menos temível, e mais facilmente nos defenderíamos dele. Mas, assim como os vermes penetram de preferência nas madeiras tenras e odoríferas, da mesma maneira são os corações generosos, honestos e bondosos que acolhem o bajulador e o nutrem, quando se prende a eles. Não é tudo: como disse Simônides, “a criação dos cavalos não supõe uma Zacinto mas terras férteis”; assim a bajulação evidentemente não acompanha os indigentes, os anônimos ou os desprovidos de recursos, mas faz que periclitem e se destruam as casas e as empresas importantes, chegando mesmo, com frequência, a derrubar as realezas e os impérios. Assim, não é uma questão irrisória a exigir apenas uma migalha de previdência o espreitar suas manobras para apanhá-la em flagrante e impedi-la de prejudicar e de tornar suspeita a amizade. Os parasitas, com efeito, afastam-se dos moribundos e abandonam os cadáveres em que se coagula o sangue de que se nutrem; quanto aos bajuladores, eles desdenham o relacionamento com o que existe de árido e glacial, mas, seduzidos pela glória e pelo poder, fartam-se disso e fogem o mais depressa possível, quando a roda da fortuna muda de posição.

Mas deve-se evitar esperar até a realização dessa experiência, que é inútil, ou, antes, prejudicial e perigosa: é triste, quando chega o momento de recorrer a seus amigos, perceber que não são amigos e que não é possível trocar um coração desonesto e pusilânime por um coração sincero e constante. Ora, o amigo é como peças de moeda: é preciso pô-lo à prova antes de recorrer a ele, e

não esperar que seja esse recurso que nos desiluda. Com efeito, não é após ter sido enganado, mas precisamente para não sê-lo, que devemos pôr à prova e desmascarar o bajulador; sem isso teremos a mesma sorte que aqueles que degustam antecipadamente venenos mortais e só julgam seu efeito à custa de sua saúde e sua vida.

De fato, não louvamos esses imprudentes assim como não aprovamos aqueles homens que, admitindo por princípio que um amigo deve unicamente buscar o honesto e o útil, creem, quando se dá prova de amenidade nas relações com as pessoas, que se recebe imediatamente a acusação de ser bajulador. Um amigo não poderia ser nem duro nem intratável, e não é a acrimônia nem a austeridade que fazem a nobreza da amizade. Ao contrário, essa dignidade mesma e essa beleza que a caracterizam consistem em sua doçura e em seus encantos.

“É perto dela que as Graças e o Desejo habitam”,

aliás não é somente para os infelizes, como diz Eurípides,

“que é doce, fitando seu amigo, encontrar seus olhos”;

mas a amizade acrescenta tanto prazer e encanto aos sucessos quanto tira sofrimento e embaraços dos reveses. E, segundo disse Eveno, assim como o fogo é o melhor dos condimentos, da mesma maneira, misturando a amizade à vida, a divindade espalhou brilho, doçura e ternura por toda a parte em que a amizade colabora com o prazer. Com efeito, se a amizade não mostrasse nenhuma condescendência em sua relação com o agradável, seria difícil compreender por que o bajulador procuraria insinuar-se entre nós através dos prazeres. Mas, de fato, a exemplo do ouro falso ou do metal de baixo quilate, esses sucedâneos do brilho e das cintilações do ouro verdadeiro, o bajula-

dor, imitando a doçura e a boa vontade do amigo, cuida de parecer sempre divertido e expansivo: não se opõe a nada, jamais contradiz. Não se deve, então, desde que alguém nos louve, suspeitar de que deseja nos bajular, pois o elogio é tão conveniente para a amizade quanto a censura no momento oportuno. Digo mais: um excesso de acrimônia ou de azedume não se concilia nem com a amizade nem com a urbanidade. Ao contrário, quando a benevolência concede com liberalidade e solicitude os elogios devidos ao bem, recebem-se pacientemente e sem tristeza admoestações e reprimendas plenas de franqueza, que são ouvidas com confiança e acolhidas com reconhecimento, na convicção de que são necessárias, pois que vêm de um homem que louva tão prazerosamente quanto censura contra sua vontade.

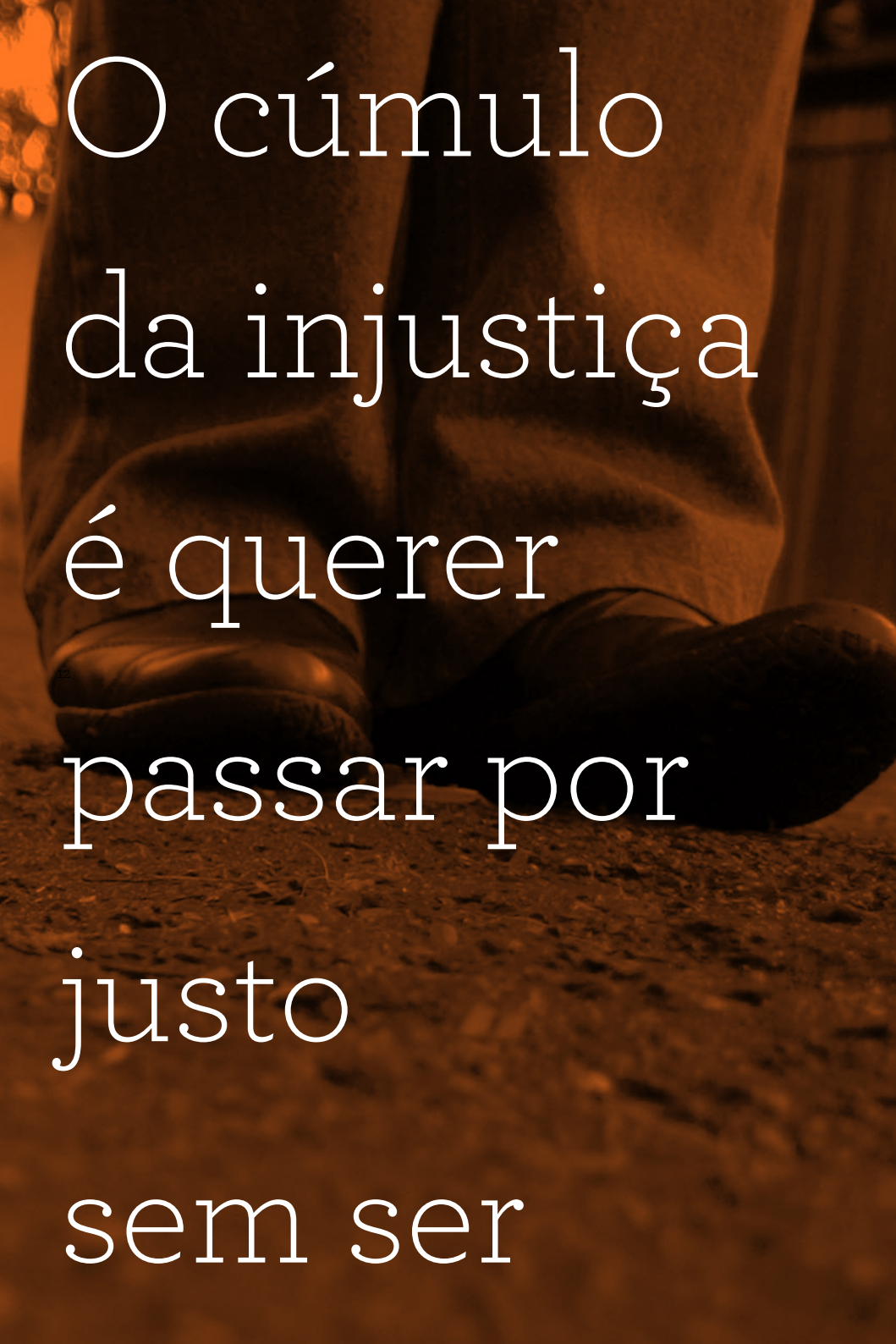
É difícil distinguir do amigo o hábil bajulador.

- 3 “É, portanto, difícil”, pode dizer alguém, “distinguir do amigo o bajulador”, se nem o prazer nem o elogio são o critério distintivo entre eles, pois em matéria de amabilidades e pequenas liberdades a bajulação evidentemente vai mais longe que a amizade; responderemos: Por que então? Não é um trabalho de fôlego ir no encalço do verdadeiro bajulador, daquele que sabe exercer seu ofício com talento, como homem hábil, e não prodigalizar esse nome, como faz a maior parte dos homens, a esses “parasitas”, a esses “papa-jantares” ou a essas pessoas que, como dizia alguém, fazem ouvir sua voz somente após a ablução das mãos? Essas pessoas, não estamos inclinados a olhá-las como bajuladoras: o aviltamento de seu caráter manifesta-se desde o primeiro serviço, após o primeiro copo, através de alguma

pilhéria ou alguma indecência. Teria sido inútil, por exemplo, desmascarar Melântio, parasita de Alexandre de Feras, que quando lhe perguntavam de que maneira Alexandre tinha sido apunhalado não se envergonhava de responder: “com um golpe que lhe atravessou o flanco e que visava ao meu estômago”; o mesmo acontece com esses assediadores que giram sem cessar em torno de uma mesa bem provida, e que “nem a chama, nem o ferro, nem o bronze poderiam afastar de um jantar”; ou então ainda com essas adulatoras cipriotas que, após terem passado pela Síria, foram apelidadas escabelos, porque vergavam a espinha para ajudar as esposas dos reis a subirem no carro.

Os mais hábeis são os que sabem dissimular: dificilmente são identificados.

- 4 Qual é então o bajulador de quem se deve desconfiar? Seria aquele que não quer parecer nem se confessar tal, aquele que não é jamais surpreendido em furtos em volta das cozinhas, que não é apanhado de improviso enquanto mede as sombras e calcula a hora do jantar, que não cai morto de bêbedo na primeira ocasião? De fato, o verdadeiro bajulador, na maior parte do tempo, cultiva a abstinência ao mesmo tempo que a intriga: crê dever imiscuir-se em vossas atividades, quer partilhar vossos segredos; em suma, desempenha seu papel de amigo como trágico e não como bufão ou ator cômico. Com efeito, diz Platão, “o cúmulo da injustiça é querer passar por justo sem ser”. Deve-se igualmente considerar que a mais perniciosa bajulação não é a que se mostra, mas a que se oculta, nem a que diverte, mas a que é séria: pois ela torna suspeita a verdadeira amizade, com a qual acontece frequentemente confundir-se, se não se toma cuidado. Góbrias, num dia em que perseguia



O cúmulo da injustiça é querer passar por justo sem ser

o Mago, caiu num cômodo escuro e travou-se aí um duelo árduo; ora, vendo que Dario se mantinha lá, na expectativa, gritou-lhe que desferisse golpes, mesmo com o risco de perfurar os dois. Mas nós, que não podemos de maneira alguma adotar o provérbio *pereça o amigo com o inimigo*, se desejamos arrancar do bajulador essa máscara de amizade que é para ele aparentemente consubstancial, temos de temer sobretudo dois riscos: repelir o útil ao mesmo tempo que o mau ou expor-nos a algum dissabor, poupando o objeto de nossa afeição. De fato, assim como de todas as sementes selvagens que, na peneira, se acham misturadas ao frumento, as mais difíceis de separar são as que se assemelham a ele por sua forma e seu tamanho (visto que não caem separadamente se os orifícios da peneira são muito estreitos, e que passam com o resto, se as malhas são demais flexíveis), da mesma maneira é muito difícil fazer distinção entre uma e outra, a tal ponto a bajulação quer tomar parte em cada emoção, cada movimento, cada prática e cada hábito da amizade.

Astúcias do bajulador.

- 5 A amizade é o que há de mais doce no mundo e nada nos traz mais alegria; eis por que o bajulador usa dos prazeres para fins de sedução e é o homem dos prazeres. É igualmente porque a vontade de obsequiar e de se tornar útil caminha na esteira da amizade (a ponto de um amigo, diz-se, ser mais indispensável que o fogo e a água) que o bajulador, entregando-se aos bons ofícios, se dedica sem cessar a ostentar zelo, diligência e prontidão. O que fundamenta antes de tudo a amizade é a identidade dos regimes de vida e a semelhança dos costumes; e, geralmente, a similitude dos gestos e das aversões é a primeira coisa que

nos liga e nos prende, através das sensações. O bajulador percebe-o perfeitamente; e, como um objeto que se talha, ele se transforma e se modela, adaptando-se e conformando-se, por imitação, àqueles de quem procura ganhar o coração. Flutuante em sua metamorfose e convincente em suas imitações, ele poderia fazer pensar nesta frase: “Não! Não és o filho de Aquiles, mas o herói em pessoa.” Mas eis o que em toda artimanha é o mais hábil: o que se chama, certamente, de linguagem franca ele observa que é a linguagem característica da amizade, como se falaria da linguagem própria de uma criatura, enquanto a falta de franqueza denota, segundo ele, indiferença e baixeza. E sem negligenciar essa imitação das aparências, a exemplo desses cozinheiros talentosos que, para evitar a repugnância dos molhos adocicados, se servem de um condimento de sucos picantes e amargos, os bajuladores afetam uma sinceridade que não é nem espontânea nem salutar, que nos lança um clarão ameaçador, no espaço de um franzir de sobranceiras, e só o que faz é afagar o amor-próprio. Assim, a personagem dificilmente é surpreendida e assemelha-se àqueles animais que, tendo a faculdade de mudar de cor, tomam a da matéria ou do lugar em que se encontram. Mas, como o bajulador nos ilude, como se cobre com um manto de aparência enganosa, cabe-nos desmascará-lo, assinalando as diferenças que o caracterizam, e desnudá-lo, a ele “que se enfeita”, como diz Platão, “de cores e formas de empréstimo, na falta das que lhe são próprias”.

A semelhança dos gostos está na origem da amizade: o bajulador a dissimula.

6 Examinemos, pois, a questão desde o início. A fonte da amizade, nós o afirmamos, é geralmente um temperamen-

to e uma natureza que reagem em concordância, que apreciam atitudes e hábitos morais de mesmo valor e que se comprazem nas mesmas atividades, nas mesmas questões, nos mesmos divertimentos. É a propósito disso que se diz:

*“O velho ao velho por seus discursos sabe agradar,
e a mulher à mulher, e a criança à criança,
o doente ao doente; e, quando o indigente
encontra seu semelhante, sente menos sua miséria.”*

Sabendo que é no prazer advindo de objetos semelhantes que as relações da amizade e da afeição têm sua origem, o bajulador trata primeiro de aproximar-se de cada um por esse meio e de se instalar a seu lado, a exemplo daquele que aproveita o espaço de algumas pastagens para domesticar um animal selvagem. Adianta-se insensivelmente fingindo ter as mesmas atividades, os mesmos lazeres referentes a disciplinas idênticas, os mesmos cuidados, os mesmos modos de vida, depois ele se imbui disso até que o outro largue mão, se deixe amansar e aceite sem pesar sua mão acariciante. Ele não cessa de censurar tudo o que julga desagradável ao outro, ocupações, maneiras de vida, indivíduos; e apresenta-se, pelo contrário, como louvador do que faz o deleite de sua vítima, mas seu elogio, que não cai na moderação, soçobra sobretudo na hipérbole e no encantamento entusiasta. Em último lugar, ele reforça as admirações e as antipatias que finge ter, atribuindo-as mais à razão que à paixão.

Inconstante e volúvel, tal é o bajulador.

7 Como então desmascará-lo? E por quais matizes distinguir aquele que não é nem se tornou nosso semelhante, e entretanto quer passar por tal? Primeiro, é preciso examinar se seus princípios são duráveis e inabaláveis; se ele se compraz